

A Percepção Musical na perspectiva de acadêmicos da Licenciatura em Música

Juliana Rodrigues de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Juliana_ro@hotmail.com.br

Resumo: Esse artigo relata uma pesquisa de Iniciação Científica voluntária (PIC), que teve por objetivo conhecer a situação em que se fundamenta a disciplina Percepção Musical no Curso de Graduação em Música da UEM. A pesquisa foi voltada somente para os alunos da Habilitação Licenciatura. A primeira parte do trabalho, se designou à revisão bibliográfica a fim de fundamentar o conteúdo da pesquisa. Foram estudados seis artigos publicados em revistas e simpósios e uma dissertação de mestrado, todos dirigidos para a disciplina de Percepção Musical. Em seguida, está a parte das entrevistas que foram feitas com os três calouros da Licenciatura de 2014. E por fim, as minhas considerações finais, onde analiso que, antes de entrar na graduação a maioria dos estudantes fazem música “sem compromisso”, ou seja, antes da universidade esses jovens são apaixonados pela arte musical, na sua forma mais simples de ser reproduzida. Quando entram na graduação, eles se surpreendem com a metodologia e o conteúdo abordado, a partir daí surgem as dificuldades e dúvidas que na maioria das vezes permeiam durante toda a graduação.

Palavras chave: Percepção Musical, Licenciatura, Iniciação Científica.

Introdução

Em nosso país, a Percepção Musical pode aparecer com diferentes designações nos currículos dos cursos de Música, mas está sempre presente, pois corresponde a um elemento curricular considerado por professores como de extrema importância para a formação específica de qualquer área profissional em Música.

A Percepção Musical apresenta-se há muito tempo como item disciplinar da chamada Teoria da Música, e isso nos parece comumente bem aceito já que na grande maioria dos cursos superiores, por exemplo, ela está estruturada entre as disciplinas de fundamentação teórica. Dessa forma, esquematicamente, Percepção Musical emparelha-se com Harmonia, Análise, Linguagem e Estruturação Musical, Contraponto, etc., matérias [sic] que têm uma relação muito próxima com o conteúdo escrito, numa articulação enfática de partituras e procedimentos técnico-musicais. (OTOTUMI, 2011, p. 6).

Na mesma proporção da frequência nas propostas curriculares, apresentam-se as dificuldades relacionadas ao campo da Percepção, que envolvem um estudante de Música num processo árduo, misto de treinamento e compreensão, desde o momento em que decide fazer o vestibular.

Gerling (1993) distingue treinamento de instrução e afirma que a Percepção Musical muitas vezes é voltada para o treinamento, isto é, tenta-se desenvolver a habilidade auditiva sem o uso de iniciativa ou criatividade. A autora ressalta as vantagens e benefícios decorrentes de aliar o “conhecimento factual (saber que) ao treinamento de habilidades (saber como), dois fatores esperados na aula de teoria e percepção” (GERLING, 1993, p. 38). Como resultado da primeira testagem da aplicação de um programa integrado pela autora na UFRGS, ela constatou que alunos de primeiro semestre de universidade não lêem música e que eles mantêm um desnível do conhecimento que têm do seu instrumento para com a Percepção Musical.

Como estudante de Música, vivenciei essa dificuldade e compartilhei a mesma experiência com vários colegas não só na minha, mas em todas as turmas. Isso me chamou a atenção. O que teria faltado nos meus estudos que estava me prejudicando daquela forma? Porque a maioria dos alunos tinha medo e dificuldade com a disciplina Percepção Musical, enquanto uma minoria ia muito bem?

Com isso, decidi realizar uma pesquisa de Iniciação Científica voluntária (PIC), que teve por objetivo conhecer a situação em que se fundamenta a disciplina Percepção Musical no Curso de Graduação em Música da UEM. A pesquisa foi voltada somente para os alunos da Habilitação Licenciatura.

Através da bibliografia estudada, pude conhecer algumas propostas metodológicas para o ensino de Percepção Musical. Junto dessa revisão de literatura, tendo o apoio das entrevistas com os alunos, identifiquei as facilidades e dificuldades encontradas pelos acadêmicos da Habilitação Licenciatura, calouros do ano de 2014. O objetivo final pretendido com a pesquisa foi fazer um mapeamento da situação da disciplina, desde o ponto de vista discente e refletir sobre a formação em Percepção Musical que subsidia uma proposta universitária, nos seguintes pontos:

- Conhecer como são apresentadas as propostas metodológicas de Percepção Musical na literatura específica da área.

- Conhecer as facilidades e dificuldades encontradas na prática discente na disciplina Percepção Musical do Curso de Graduação em Música da UEM – Habilitação Licenciatura, no segundo semestre de 2014.

Metodologia

Esse trabalho está organizado da seguinte forma: A primeira parte, feita no segundo semestre de 2014, se designou à coleta de dados bibliográficos a fim de fundamentar o conteúdo da pesquisa. Foram estudados seis artigos publicados em revistas e simpósios e uma dissertação de mestrado, todos dirigidos para a disciplina de Percepção Musical.

Em seguida, está a parte das entrevistas que foram feitas com os três calouros da Licenciatura de 2014. As entrevistas foram transcritas e o conteúdo foi organizado para uma análise das respostas encontradas. Após as entrevistas faço as considerações, mostrando os pontos levantados e algumas futuras idéias, possíveis para auxiliar no conteúdo musical e nas dificuldades da percepção musical dos calouros da graduação em música da UEM.

Revisão Bibliográfica

O primeiro artigo estudado foi “Percepção Musical: Principais críticas e propostas metodológicas” de Pablo Panaro, que foi apresentado no I Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em Música, em 2010. Neste texto, o autor discute sobre o conhecimento do ouvido musical, que segundo ele é um atributo indispensável ao músico profissional. O autor também propõe uma reflexão crítica sobre a didática introduzida para a obtenção do ouvido musical. A conclusão de Panaro é, sobretudo, sobre a importância do sentido auditivo trabalhado na Percepção Musical, porém a forma como é trabalhado esse sentido auditivo é ineficiente. Dentre as ineficiências verifica trabalhar os elementos musicais de forma isolada nos constantes ditados e solfejos, a desconsideração de experiências musicais dos alunos, entre outras. Além da falta de “práticas pedagógicas que possibilitem ao aluno a percepção

de aspectos estilísticos, estruturais ou contextuais da música, visando, assim, um maior aprofundamento de sua compreensão musical.” (PANARO, 2010, p. 369).

“Percepção Musical sob a ótica da linguagem”, de Virginia Bernardes, publicado na Revista da ABEM em 2001, é uma obra de grande importância para o tema. Uma das pioneiras no estudo desse tema no Brasil, Bernardes com certeza, foi a minha maior inspiração nesse projeto. Este artigo serviu de estudo e reflexões para os próximos que viriam. Bernardes enfoca a disciplina de Percepção Musical e o seu modelo tradicional de ensino e aprendizagem, que segundo ela, não aborda as práticas pedagógicas como linguagem. A autora discute a sua metodologia na graduação e o seu modelo teórico, propõe através deste, uma prática pedagógica mais dinâmica e adaptável a realidade dos alunos brasileiros nessa disciplina, pois importamos pedagogias européias e norte americanas, que, se diferem muito do contexto brasileiro (BERNARDES, 2001, p.73). Um dos motivos dessa importação é o fato de o modelo tradicional brasileiro de conservatório de música vir da Europa. Para a autora, os ditados e solfejos no ensino da Percepção Musical, ainda hoje, são considerados a “melhor” prática pedagógica que leva o aluno a leitura e escritas musicais, sendo entendida de forma equivocada, como a finalidade dessa disciplina. A partir daí ela propõe a seguinte reflexão: “ouvir para escrever, ou compreender para criar e interpretar?” (BERNARDES, 2001, p.74).

Um artigo que deve ser destacado é “Bases para uma metodologia de Percepção Musical e estruturação no 3º grau”, de Cristina Capparelli Gerling, publicado na revista da ABEM, em 1995. Neste artigo, Gerling relata a percepção auditiva como um estudo complexo, o qual não foi ainda totalmente explorado, como a percepção visual. Dentre os aspectos mais importantes associados à percepção auditiva, destaca-se a percepção das alturas, que está relacionada ao fenômeno acústico chamado Frequência. Apesar de a altura ser um dos aspectos mais importante da percepção auditiva, não se tem ainda uma explicação totalmente satisfatória de como o sistema nervoso detecta as suas diferenças mínimas, e nem como este sistema nos permite ouvir simultaneamente sons diferentes (GERLING, 1995, p. 22). Segundo Gerling, a percepção das alturas é o atributo do som que

mais se relaciona com a Frequência, sendo considerado um fenômeno físico e a parte mais estudada na teoria da audição.

Gusmão (2011) relata a disciplina de Percepção Musical como uma das práticas mais amplas na formação do músico. O autor informa que há a falta de interesse e motivação dos alunos em relação a essa disciplina. Como características de suas habilidades estão os ditados e solfejos que, segundo o autor, são os principais fatores do desinteresse dos alunos, já que estes fragmentam o discurso musical.

A dissertação de mestrado de Cristiane Otutumi da Universidade Estadual de Campinas (2008) teve como objetivo investigar a disciplina de Percepção Musical nos cursos superiores de música no estado de São Paulo, pelo fato de neste estado possuir o maior índice de Instituições de Ensino Superior (IES). A pesquisa foi realizada de forma quantitativa e qualitativa. Na parte quantitativa foram realizados questionários em específico com professores, que foram convidados para contribuir no campo qualitativo, através dos seus depoimentos nas entrevistas. Otutumi concluiu seu trabalho afirmando esperar através da pesquisa que ela possa dar contribuição para o estudo da Percepção Musical no Brasil, e que “os ajustes necessários na disciplina hoje dependem diretamente da formação que se tem antes da graduação.” (OTUTUMI, 2008, p. 209).

O artigo “Percepção Musical sob novo enfoque: a escola de Vigostki”, de Maria Flávia Silveira Barbosa publicado em 2005, faz uma reflexão sobre dois artigos de autores brasileiros da área da Educação Musical produzidos no ano de 2001 que falam da questão da percepção. De acordo com a autora, de todos os artigos estudados por ela, inclusive os dois relatados, nenhum dos autores conseguem resolver a seguinte problemática: desvelar o processo de desenvolvimento da percepção através da música.

Entrevistas

As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2014 dentro do espaço acadêmico da Graduação em Música da UEM.

Os entrevistados foram os três estudantes que passaram no vestibular da Licenciatura, calouros de 2014. Eles serão denominados A, B e C para garantir anonimato. As perguntas foram:

- Há quanto tempo você estuda a música? Qual a sua idade quando começou?
- Qual instrumento você optou por aprender? Porque este instrumento?
- Quando você decidiu ingressar no curso superior de música? Por quê?
- O que achou da prova teórica de habilidade específica? Tinha algum conteúdo nesta prova no qual você nunca havia estudado, qual?
- Como é o seu desempenho no curso, você possui alguma dificuldade específica?
- O que acha da disciplina Percepção Musical?
- O que acha dos métodos utilizados nesta disciplina, tais como: ditados rítmicos e melódicos e os solfejos?
- Qual a importância da utilização desses métodos para você? Na sua concepção haveria outra maneira de abordar este conteúdo?

O estudante A tem 22 anos e o seu contato com música começou há 12 anos. Iniciou com um projeto de música em uma igreja no Rio de Janeiro que beneficia muitos adolescentes e basicamente nesse caminho foi formando um pensamento de carreira, de não só o estudo da música como *hobbie*, mas sim como algo a mais que o levaria até a universidade.

A estudante B tem 19 anos e canta profissionalmente desde os 15. Contudo, não sabia ler partitura. Em 2013 conheceu o curso de música da UEM e decidiu que era o que queria cursar, então começou a estudar teoria musical durante um ano. Passou no vestibular e agora já está a dois anos estudando música sistematicamente.

A estudante C tem 26 anos e estuda música de uma forma sistemática em conservatório, desde o final de 2005. Começou a fazer o curso preparatório de extensão em canto na Escola Técnica de Música da UEM, estudou seis meses e passou no vestibular para o curso de Bacharelado em Canto. Tinha vontade de fazer a Licenciatura em Educação

Musical, porém por indicação de uma professora escolheu fazer os quatro anos de Bacharelado em Canto. Se formou e hoje faz Licenciatura. Segundo ela “Naquela época a prova era muito puxada, tinha história da música, você tinha que reconhecer estilos na parte de percepção, eram tocados cinco trechos de músicas, você tinha que ouvir e falar se é clássico, se é romântico, se é barroco. A minha prova de vestibular foi a última assim, que foi a prova de 2006. Entrei sem preparo nenhum, totalmente crua, até mesmo na parte de canto, que eu tinha estudado muito pouco (um ano)”.

O estudante A toca Clarineta, pois foi um dos instrumentos de primeiro contato que ele teve no projeto em que participava. Simpatizou-se com o instrumento e resolveu se aprofundar nos estudos. As estudantes B e C são cantoras. Antes da graduação elas cantavam sem o conhecimento teórico, ou seja, não sabiam ler partituras. Optaram pelo canto, pois participaram de corais religiosos ainda na infância e tiveram uma boa desenvoltura, achavam ser um instrumento fácil de aprender por não exigir conhecimentos teóricos musicais no início.

Os três estudantes decidiram fazer a Graduação em Música, pois sentiram a necessidade de buscar um aperfeiçoamento musical. No vestibular as dificuldades foram em sua maioria mútua na parte que envolve conhecimentos de percepção. Contudo, eles não acharam a prova difícil, pois não havia nenhum conteúdo nela no qual eles nunca tinham visto. De acordo com a estudante C, “a prova de percepção de 2006 estava bem mais difícil do que a de 2013”.

Quanto às dificuldades específicas do curso, o estudante A disse ter dificuldades com matérias teóricas. A estudante B teve dificuldade no início com a Prática de Conjunto, pelo fato de estar acostumada a sempre cantar sozinha. Outra dificuldade relatada por ela foi a disciplina de Harmonia. A estudante C relata uma dificuldade em Harmonia e Análise – durante a primeira graduação – que segundo ela, foi devido a sua falta de conhecimento teórico.

Quanto à disciplina de Percepção Musical, as respostas foram as seguintes:

· EA – “Ah, especialmente falando pra mim do primeiro ano eu acho que ela acaba ajudando a pessoa que tem dificuldade com percepção e não tem uma boa vivência na área

da música, dessa forma ela acaba trazendo as pessoas pra um mesmo pensamento (nível de conhecimento) né.”

· EB – “Primeiramente, tem muita gente que acha que a percepção tinha que ser básica. Eu acho que talvez sim. Só que eu penso assim, tirando por mim, o pessoal da sala toca ha 7 ou 10 anos, eu não toco instrumento nenhum, só canto né, meu instrumento é o canto. Estudei um ano de teoria, por mais que eu tenho dificuldade eu to conseguindo acompanhar entendeu. Então eu acho que se fosse em um nível muito básico, o pessoal não ia progredir tanto entende.”

· EC – “A percepção que dá a base para as matérias teóricas. Na minha concepção é a base pra qualquer área que você for dar aula. Mesmo se você não for atuar na área de professor da percepção ou de teoria básica, porque acaba entrando a teoria básica. Você vai dar aula de canto ou teclado, qualquer coisa, você tem que ter uma percepção muito boa.”

Sobre os métodos utilizados na disciplina de Percepção Musical, o estudante A acha “Bem conveniente, tentando nivelar os alunos, tentando trazer todo mundo a andar junto.” A estudante B acha ser uma “base para tudo. Necessário pra você se formar bem, ter uma boa base musical, pra conseguir fazer o resto.” Por fim a estudante C acha que, “se ele for bem elaborado, trazido pra realidade do aluno eu acho que é essencial né. Tem que aprender isso não adianta, você pode até ir pra frente sem isso, mas vai empurrar com a barriga.”

Para os estudantes é nítida a importância dos ditados e solfejos, e segundo eles, todo músico precisa desenvolver a percepção e entender o seu funcionamento. Quanto à forma de aplicação da mesma eles se contradizem, pois acham que a forma como ela vem sendo aplicada na graduação é correta, porém não acham que seja uma forma dinâmica ou didática para aplicar aos alunos de escola específica de música.

Considerações Finais

A partir das entrevistas pude conhecer a história de cada estudante, desde o seu primeiro contato com a música até o seu desenvolvimento na graduação. Analisando a história de cada um com as entrevistas, estudei as razões dessas dificuldades com a

Percepção Musical e tentei encaminhar reflexões que pudessem contribuir com a disciplina e, principalmente, com os alunos.

Percebi que um deles possuía uma carreira muito curta na música, o que impossibilitava conhecimentos avançados como, por exemplo, ouvir uma música e transcrevê-la. Um deles sequer tinha a certeza sobre o que desejava cursar, se era a Licenciatura, pois nunca havia dado aula de música. Ou seja, o conhecimento musical desses calouros pareceu não ser compatível com o que é exigido deles na graduação, logo no primeiro ano. É como se eles não estivessem ainda preparados para cursar uma graduação em Música.

Um dos pontos intrigantes é que ao mesmo tempo em que eles encontram dificuldades na disciplina com a sua metodologia (ditados e solfejos), eles aceitam que ela deve continuar sendo aplicada dessa forma na graduação. Pois, de acordo com eles, os músicos que buscam um ensino superior em música devem estar preparados para as dificuldades e desafios e devem correr atrás para eliminarem os obstáculos.

Outro ponto que pude analisar com as entrevista é que, antes de entrar na graduação a maioria dos estudantes fazem música “sem compromisso”, ou seja, antes da universidade esses jovens são apaixonados pela arte musical, na sua forma mais simples de ser reproduzida. Porém, quando entram na graduação descobrem que esse universo é absurdamente maior do que eles imaginavam, e que essa Arte é mais complexa e ampla do que tudo aquilo que eles já viram e ouviram nos conservatórios e nos meios de comunicação. Eles descobrem que a teoria musical vai além da leitura das figuras musicais; que existe uma disciplina chamada Contraponto; que a Harmonia vai além dos conceitos de Tônica-Subdominante-Dominante-Tônica, e que a Educação Musical não forma apenas professores de música, mas sim, educadores musicais capazes de dar ao indivíduo as ferramentas básicas para a compreensão e utilização da linguagem musical de forma didática, dinâmica e, sobretudo humanizadora.

Para serem mais esclarecidos sobre a graduação em música e a sua metodologia, os estudantes de música interessados em aperfeiçoar o seu conhecimento musical de forma acadêmica, deveriam ter a oportunidade de se preparar melhor antes de ingressar na

universidade através de cursos técnicos preparatórios, seja por escola específica, ou pela própria universidade. Dessa forma, o universo acadêmico musical estaria mais presente na vida desses alunos, eles poderiam ver a metodologia aplicada do curso, como por exemplo, a de Percepção Musical, e poderiam enxergar o profissionalismo musical artístico antes mesmo da graduação.

Muitos entram na graduação sem saber o que é, ou para que serve um ditado melódico. Com esse conhecimento “ralo” já é esperado a dificuldade desse aluno. E assim tem se construindo o papel da Graduação em Música da UEM. Ao invés de formar educadores musicais com altíssimas habilidades nas áreas teóricas como a de percepção, a graduação em Licenciatura tem tido o compromisso de “alfabetizar” musicalmente alguns calouros durante o primeiro ano da graduação.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Maria Flávia Silveira. Percepção Musical sob novo enfoque: a escola de Vigostki. Revista Música Hodie, Nº 2, vol. 5, 91 – 105, 2005

BERNARDES, Virginia. Percepção Musical sob a ótica da linguagem. Revista da ABEM, Nº 6, Setembro, 73-84, 2001.

GERLING, Cristina Capparelli. Bases para uma metodologia de Percepção Musical e estruturação no 3º grau. Revista da ABEM, Nº 2, Junho, 21-26, 1995.

GERLING, Cristina Capparelli. Percepção Musical sob novo enfoque: a escola de Vigostki. Revista Em Pauta, Porto Alegre, Nº 8, vol. 5, dezembro, 34 – 40, 1993.

GUSMÃO, Pablo da Silva. A aprendizagem autorregulada da percepção musical no ensino superior: uma pesquisa exploratória. *Opus*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 121-140, dez. 2011.

OTUTUMI, Cristiane Hatsue Vital. Percepção Musical: situação atual da disciplina nos cursos superiores de música. Tese de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas - SP, 2008. Disponível no endereço:
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000436215> Acesso em 01 outubro 2014.

PANARO, Pablo. Percepção Musical: Principais críticas e propostas metodológicas. Anais do I Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em Música. Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010. Disponível no endereço:
<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/2708> Acesso em 25 agosto 2014.